

Dédalo e Ícaro: Não seremos todos adotados?¹

Dedalo and Icaro: Will we not be all adopted?

*Não sabemos que somos todos marinheiros sem emprego
Não sabemos como o porto é amargo
Quando todos os barcos partiram...*

Aonde quer que a viagem me leve, a Grécia me dói.

Georgios Seféris

Juliano Fontanari²

Resumo: O estudo discute a ocorrência de questões da transgeracionalidade ligadas a compulsão a repetição em mitos, bem como o lugar dos mitos na regulação do humano e do pulsar das gerações. Aborda a temática do lugar do significado e do sentido e transcendência da experiência da fé na *nostos* humana e aplica concepções atuais da vincularidade na compreensão do mito de Dédalo e Ícaro.

Abstract: This study dissertates about the occurrence of transgenerational questions connected with a compulsion to repetition in myths, as well as the place of myths in the regulation of the human being and swelling of generations. Its thematic approaches the place of meaning and feeling in addition to the transcendence of faith experience in humankind's *nostos* and it applies current conceptions of bonding to the understanding of the myth of Dedalo and Icaro.

Descritores: Significado, Bion, Kohut, Minos e nostos.

Keywords: Meaning, Bion, Kohut, Minos and nostos.

¹Trabalho iniciado em 2004 e encerrado em 2006, inspirado nos estudos sobre psicanálise e poesia.

²Médico, Neurologista e Psiquiatra (com registro no CREMERS), Mestre em Lingüística - PUC-RS, Psicanalista CEP-PA, Filiado a Neuro-Psychoanalysis Association, Membro Efetivo e Professor do CIPT.

Esse mito chegou até nós por autores como Virgílio e Ovídio³ que, como acontece, cada um a seu modo, enriqueceu e modificou. O exame do Mito de Ícaro, a busca de seu sentido – se é que o sentido é importante para um mito já que o simbolismo, significado e sentido nele contido, bem como nos ritos religiosos, vale menos do que a contemplação e pertença⁴ - mostra que há um conjunto de eventos transgeracionais se repetindo, mas também a emergência de dados novos que contrastam com a repetição. A idéia é abrir a discussão com dois vieses: 1. Como circula a força de um mito e como podemos apreender suas regularidades ou decompô-lo? Lembremos que a neurose é um mito individual... Então, as teorias psicanalíticas não seriam, no contra-forte, mitos modernos? 2. A adoção, o desencontro das origens não seria nosso vertedouro de ambição e curiosidade? E não seria o mesmo então dizer que a fenda desde desencontro que chamamos adoção é o solo de onde brota o novo?

Ícaro morreu pela inventividade do pai? Pela imprudência (ambição) e desobediência, marca da heterogeneidade como constitutiva do sujeito, da alteridade? As mortes estão relacionadas à sufocação, queda e afogamento; seriam nascimentos, mais um nascimento, mais uma origem, nascimento do reconhecimento da finitude? Dédalo é uma das figuras mais exultantes da Grécia antiga, junto com Ulisses, portador da *metis*⁵, a inteligência engenhosa que permite resolver desafios. Os mitos são parecidos, só que Ulisses nega-se a matar Telêmaco e Dédalo, afogado em crimes, assiste a morte de seu filho. As prisões de um e de outro, Dédalo no labirinto, Ulisses e sua vida marítima. Dois heróis na perspectiva de vencer os desafios superar espaços e tempos.

Dédalo, um habilidoso escultor e arquiteto ateniense; suas obras⁶ eram adoradas e respeitadas por todos, pai de Ícaro, cuja mãe era uma escrava - a mãe dada a condição da mulher entre os gregos raramente é relevante - assassinou o jovem Thalo, seu sobrinho, de quem tinha inveja; condenado à morte, fugiu. Aventurou-se pela Ática com Ícaro e foi acolhido com honras na Creta, pelo Rei Minos - o segundo Minos - onde construiu o famoso Labirinto e foi, junto com o filho, sua primeira vítima. Minos - o primeiro Minos - foi um dos três Juizes do Inferno, junto com Radamanto e Éaco, seus irmãos, filho de Júpiter e Europa. Governou a Ilha de Creta com muita

3 Vamos usar os dados de Commelin, P. – *Mitologia Grega e Romana*. Martins Fontes. Rio de Janeiro, 1997, 2ª Ed. E de Lacarrière, J. - *Grécia um olhar amoroso*. Ediouro: Rio de Janeiro, 2003.

4 Essas idéias estão bem desenvolvidas no conceito de idealização em Kohut e suas transferências idealizadora, especular e gemelar. É da vivência clínica banal que o paciente dará o sentido do que ouve fundado na fé – positiva ou negativa – do que ocorre no seu vínculo com o terapeuta. Veja-se Kohut, H. – *Análise do Self*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1971.

5 *Meticuloso*

6 Inventor do machado, do nível e da pua, substituiu os remos pelas velas...

sabedoria e era extremamente severo e justo. A cada nove anos retirava-se para uma caverna para acrescentar às suas leis mais autoridade, pois pretendia que Júpiter às ditasse para ele. Foi o Presidente do Tribunal do Inferno e fundou várias cidades na Creta, entre elas Cnosso e Festo. Minos e seus irmãos foram concebidos de modo atualmente bastante constrangedor, eis que não se aceita mais a captura; exige-se namoro... Júpiter, vendo Europa, alva e fulgurante, brincar com suas companheiras à beira mar, transforma-se num touro, aproxima-se com ar doce e carinhoso, deixa-se ornar, come em sua mão e a recebe em seu dorso... Então se lança ao mar e alcança a Ilha de Creta... O vale onde aconteceram os encontros após o rapto é muito belo e viçoso e acredita-se que tenha sido pelos encontros mesmos, mas Europa é representada triste na sombra de um plátano. A história dos touros é muito importante para Creta. O sexto trabalho de Hércules foi domar um touro que Netuno mandou para combater Minos. Domado, o animal fugiu e Hércules acabou por matá-lo.

Minos – o segundo, o do Minotauro - era muito ético e rigoroso e negou-se aos favores de Cila, que traíra seu pai Niso, por amor a Minos mesmo; horrorizado com a indignidade da ação de Cila. Parece que a vingança das mulheres também é muito importante nestes mitos e fica como regulador de fundo. Pasífae, pilar da prisão de Dédalo e Ícaro era filha do Sol – que derreteu a cera das penas de Ícaro - e de Creta! Minos teve um filho – Androgeu - morto pelos atenienses por ciúmes e, em vingança, tomou Atenas e Megera e impôs o tributo aos atenienses de mandar a cada sete anos, sete rapazes e sete moças para servirem de pasto ao Minotauro no Labirinto. O tributo foi pago três vezes até Teseu matar o Minotauro. O oráculo de Delfos avisou Teseu que ele só conseguiria matar o Minotauro se o amor lhe servisse de guia. Agora Ariane, filha de Minos, mas o Minos do Touro mesmo, o que recusou Cila, enamorada de Teseu ajudou-o com o fio, como sabemos. Vejam a circulação de Cila que trai o pai e Ariane que faz o mesmo... Mas Teseu abandonou Ariane, que foi consolada por Dionísio. A história dos raptos passou adiante com Teseu... Que tentou raptar Helena ainda jovem... E acabou com sua mãe – Etra - raptada e feita escrava de Helena... Teseu tenta raptar a mulher de Plutão, descendo ao Inferno onde fica preso numa pedra e é representado gritando *para aprenderem com o seu exemplo, a não serem injustos, a não desprezarem os deuses*. Repete a história do inferno... E acaba no infortúnio com o fim trágico de sua esposa e filho e, depois, com o seu assassinato. O filicídio continuou: Idomeu, neto do Minos do Minotauro (o segundo Minos) também sacrificou um filho para não descumprir uma promessa e foi banido, tendo fundado Salento na Itália, onde fez observarem as Leis sábias do primeiro Minos. O Parricídio também, pois Teseu esqueceu de, no retorno, avisar o pai, Egeu de que estava vivo... Este, imaginando o filho morto, jogou-se ao mar, que ganhou seu nome – Mar Egeu.

O Minos do Minotauro era neto do Primeiro Minos, o Juiz do Inferno. Como seus dois irmãos disputassem o trono de Creta, pediu que Netuno lhe mandasse um sinal e ele fez sair do mar um touro de uma brancura ofuscante! Esse é o Minotauro! Pasífae, filha do Sol e de Creta, casou-se com Minos. Vênus para vingar-se do Sol, que se meteu nas suas intrigas com Marte, inspirou em Pasífae uma paixão pelo touro branco... Outros dizem que foi Netuno quem inspirou essa vingança, pois Minos não lhe sacrificou o Touro de que mais gostava... Diz-se que na verdade *Taurus* era um almirante Cretense por quem Pasífae se apaixonou quando desdenhada por Minos. Teve gêmeo, um parecido com Minos e outro com Taurus. Daí Minotauro, metade homem e metade touro.

Sob ordens do Rei Minos, Dédalo e Ícaro começam a construir uma morada para o Minotauro, uma prisão diferente de todas outras já existentes, constituída de longos corredores e desvios enganadores, o Labirinto de Cnossos.

Irritado porque favorecera os amores de Pasífae, talvez tendo construído uma vaca de bronze, Minos aprisiona Dédalo e Ícaro no Labirinto com o Minotauro. Sabendo que eles seriam os únicos a conseguir sair, pois eles o construíram, Minos dispôs guardas para vigiar o litoral que seria a única forma de escapar. Dédalo, então, pede a Ícaro que junte todas as penas de pássaros que encontrar e se põe a construir uma estrutura semelhante às asas dos pássaros. Depois colou as penas com cera, tendo assim dois pares de asas. Antes de alçarem vôo, Dédalo recomenda a Ícaro que não voe muito alto, pois o calor do sol poderia derreter a cera e assim desprender as asas e nem muito baixo, pois poderia bater contra as ondas do mar Egeu. Existe também a versão de que fora aprisionado no Labirinto, com seu pai, pois ambos ajudaram Ariane e Teseu a matar o Minotauro, ele consegue evadir-se com o auxílio de Pasífae... Quanto a Minos, morreu na Sicília, perseguindo Dédalo, afogado numa sauna, como Dédalo, assassinados pelo Rei Cócalo. Em qualquer versão, a filha do Sol, Pasífae esta envolvida...

Mas Ícaro fica zozinho, embriagado pelo prazer de voar, de contemplar as coisas tão pequenas lá embaixo, voou cada vez mais alto, mais alto desobedecendo ao pai. O sol derrete a cera, as penas se soltam, Ícaro rodopia, debate-se, a queda é inevitável, precipita-se no mar e a ilha aonde seu corpo foi levado pelas ondas ganhou o nome de Ícara . Dédalo chegou a Sicília, mas o rei Cócalo afogou-o no banho, bem como a Minos.

Comentário sobre o comentário: Sobre a fuga da objetivação

***Eu sou uma miragem: de tanto querer ver-me eu me vejo*⁷.**

⁷ Lispector. Clarice. Um Sopro de Vida. Rocco: Rio de Janeiro, 1999.

A última coisa que deveríamos fazer com uma produção subjetiva – o mito, as palavras, as religiões, a arte – e coletiva é objetivá-la. Mas como estudar algo sem transformá-lo num *objeto* e sem sermos *sujeitos* para este *objeto*. Só por um discurso de entrelinhas, de silêncios; daí o *Comentário sobre o comentário: Sobre a fuga da objetivação*. Só sabemos do nada, do não *objeto* pelo efeito que ele exerce em nós *sujeitos*. Interessante que aconteceu um dia de retirarmos o *sujeito* do conhecimento, a título de neutralidade; agora queremos conhecer o sem *objeto*. Lembremos que o zero só apareceu no século XII, na matemática moderna. O nada não era nada, agora passa a ser alguma coisa! Mas um discurso de entrelinhas e de reticências, de titubeios e de ecos, será mesmo mais do que uma miragem, uma sedução do sentido? Mas o que estamos discutindo afinal? Estamos querendo saber se um dizer pode conter em si algo mais que sentido e, se for o caso, como dizer deste algo mais. Senão dissessem mais do que as palavras, os mitos não teriam a importância que têm. Quando não se olha nada, ou se olha o nada, olhamo-nos nós, transformados em vertigem. *O sentido é um perigo para a verdade*. Veja como podemos nomear qualquer coisa:

***Olhando sem ver, nós o chamamos de Invisível;
escutando sem entender, o designamos de
Inaudível e tocando-o sem atingi-lo chamamos
de Imperceptível.***

Lao Tse

Mas o fato é que ao *objetivar*, usamos *representações*, perderemos sua *forma* e então ficamos às voltas apenas com *conteúdos*. Usamos *representações* para nos referir a afetos, por exemplo, mas que ficam muito longe do que é o afeto mesmo. Podemos discutir o conteúdo de religiões, comparar religiões entre si e com outras produções humanas, mas não chegamos nem perto da experiência de fé, enlevo e contemplação⁸. É isto o que chamamos no nosso texto de agora de *forma*. Isto que não fica representado, mas que pode ser sentido, independentemente de ter sido vivo, de ser memória evocada. Podemos remeter um sistema vincular a outros vínculos, mas não chegamos nem perto do que ele é mesmo. E agora, como *sistematizar*, *objetivar* sem perder a *subjetividade* destes eventos? O único jeito conhecido é a descrições baseada na *empatia*. Digamos que a experiência de contemplação (*com templo*) não significa, que

⁸ Veja-se Kohut, H. – *Psicologia do Self e a Cultura Humana*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1985; especialmente os artigos *Sobre a Coragem* e *Sobre a Liderança*. E também Bion, W. R. – *As Transformações*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1965.

suas representações dizem pouco dela, ela é um *Significante*. Mas ainda assim ele cabe na linguagem, mas algo do que se passa no templo se perde. Nesta perspectiva será que um mito é um *conteúdo* ou uma *forma*? Ambos, mas provavelmente sua essência reside na *forma*, eis porque o *conteúdo* deles pode ser tão mutável. E deve conter – assim como as produções coletivas subjetivas todas - em si as regras que nos fazem humanos – regras para a composição dos grupos, das famílias e da subjetivação. São suficientes duas pessoas se aproximarem – apenas duas, não três - para aparecerem regras que nos permitam descrever seu sistema vincular, mas ainda assim o vínculo estará predominantemente numa *forma* e não nos *conteúdos* que, na superfície, descrevemos como regras. Este é mais do que o problema humano da inacessibilidade da coisa em si.

Assim sendo, terá lugar a busca de sentido, significado, conteúdo de uma produção subjetiva e coletiva como o mito? Sabemos que a lógica não deu conta da linguagem e agora, será que a linguagem dará conta do ser? Ou será um invólucro onde se manifesta o ser? Mas e se não existisse ela, existiria o ser? Será que é o sentido das coisas que nos levaria ao ser? Um mito é um sistema que totaliza um sol de símbolos – que são ‘signos’ abertos a várias vertentes – mas mais que isso é um sistema de Significantes, normas, ordens fixas como a senso-percepção. Se não fomos muito longe, pelo menos descobrimos porque Lacan prescindiu do *significado* (*sentido*) e escolheu o *Significante* para indicar destas regras que acumulam poder e Sentimento de Pertencer. *Aí somos porque existe a palavra* (*Significante*) *ser*. Onde está o silêncio de significado com o qual nos contrastamos e só por isto nos subjetivamos? Ou a matriz da linguagem mostra o que de fato é?

Quando Freud amarrou o humano e seu empuxo para o futuro ao Mito de Édipo⁹, além de criar a psicanálise, repassou o ônus do problema ao mito... Kohut fez o mesmo com o Homem Trágico de Ulisses e Bion, na obra póstuma *Cogitações*¹⁰, escapando do positivismo lógico de seu período epistemológico, argumentou que podemos usar vários mitos... Como instrumentos, elementos de descrição do humano. Todas estas formas altamente determinantes acabam mascaradas por palavras sempre repetidas. Morin no seu magnífico *Amor Poesia Sabedoria* mostra-nos que nos caminhos da palavra encontramos posições algo extremas; de um lado a versão do registro a que tende o discurso matemático formalizado – das

9 Veja-se Bion, W.R. – *Elementos de Psicoanálise*. Ediciones Hormé, Buenos Aires, 1963. O mito de Édipo é decomposto em elementos que, recompostos, cabem cada um numa coluna/linha da tabela. Tirésias fica na coluna 2. o oráculo é a coluna 1, a hipótese definitiva, etc...

10 Bion, W. R. – *Cogitações*. Imago, Rio de Janeiro, 1992. Na página 234, a *Torre de Babel: Possibilidade de usar um mito racial*. Também em Bion, W. R. – *La tabla y la Cesura*. Gedisa Editorial, Barcelona, 1980.

filosofias analíticas - e de outro o registro que opera sobre distâncias, sobre o afeto, os vínculos, o tátil, a vida mamífera. Nestes extremos discursamos, mas moramos na segunda posição. A mente é mítica é um dizer surrado. Então estamos num lugar em que se esgotaram as palavras, mas já é tarde demais para calar. Num diálogo impossível de surdos e mudos, pois o que pode ser *dito* na linguagem é mais do que o sentido mas tudo que pode ser descrito na linguagem é o sentido. *O que não se pode falar deve-se calar.* Persistimos tentando *objetivar* a empatia, a experiência vividamente ansiada. Busca sem alívio; algumas na direção de um *Significante*, outras na busca das regras que nos compõem. Mas só o dizer e o escrever sobre o que se diz já nos diz que só somos para um outro, só nos encontramos e nos desencontramos nos encontros. Existe algo no dizer que independe de nós. Mas escrever jamais será um encontro. Eis onde os mitos podem nos ajudar! Como descrever os *Significantes*!

Os mitos, diferente do *sentido*, que exige tempo e lugar, nos seus aspectos transcendentais ao sentido, não têm passado, não têm presente e não têm futuro. São *Significantes*, matrizes do tempo e dos lugares, que se reinventam e qual mistério, a partir de nós mesmos nos surpreendem a todo o momento. Mesmo que infinitamente pessoais, nossas palavras, como sabemos não começam conosco; nós apenas lhes aprisionamos num tempo e num lugar. Mas só somos sujeitos a partir do reconhecimento desta indeterminação¹¹, que outro poderia ser o tempo, outro o lugar...

Somos sujeitos enquanto indeterminados e só por isso nos reconhecemos como sujeitos a estrutura, aos mitos. Com sorte nos descobriremos na forma de um sonho, uma miragem, um mito, de uma história que só nos faz sujeitos, vivos, se podermos contá-la de muitos modos. As palavras mesmas não nos farão ser; precisamos de fôrmas para nos aprisionar enquanto subjetividade sujeitada a estrutura, pois somos também mitos na busca de sonhos novos, somos ninfas, *libélulas, jardineiros nas nuvens, sonâmbulos entre vertigens* exatamente como Ícaro.

***Perdoai-me se me levanto
E vos deixo celestemente
Não se pode ficar em terra
Quando se tem o vento como amante!***

Georgios Seféris

Crescemos todos num Labirinto, entre as sombras e os corredores, paredes de um mito, nos limites de um *Significante* que não é feito só de *sentidos*. Como não sonhar com o céu, com os pássaros, não sentir dentro

¹¹ Veja-se Badiou, A - *Para uma Nova Teoria do Sujeito*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002, a conferência na página 43, *Verdade e Sujeito*.

de si as asas de um anjo? E, não fosse ele prisioneiro, teria sonhado com as asas? Como Ícaro, sempre encontramos uma rede, um *Significante Caçador de Anjos*. Senão, como ficaríamos presos no corpo se conhecemos o alfabeto dos ventos? Ícaro queria ser um anjo! Aspiramos nos elevar às alturas, deixar a terra, mas ir aonde? Os mitos são redes caçadoras de anjos que depois os aprisionam à carne. Preferimos indicar o aprisionamento, a indicar que os mitos também depois nos fazem sujeitos, nos fazem anjos. Vai ficando claro que estamos as voltas como o evento da construção de sujeitos pelos vínculos.

Mas aonde ir? *Desejo* significa querer estar numa estrela distante, o reconhecimento de uma luz, um valor de que se precisa para a completude que nos empurra para a vida. *A saudade é o desejo pelo passado, é memória, quando se quer muito voltar para um lugar, para um tempo*. Quando dizemos *desejo*, estamos nos referindo a uma *forma* e quando dizemos *memória* estamos nos referindo a um *conteúdo*. O *desejo* e a *saudade* encerram uma traição - são o Labirinto. A idéia de sermos anjos, sairmos da terra é própria dessa cilada. De irmos à busca do que Freud chamou *narcisismo primário, paraíso, completude...* Negação da diferença de sexos - não se discute sexo dos anjos - da diferença de gerações - eles não tem pai, mãe, irmãos... E continuamos buscando nos encontramos para a experiência de ser, adotados como Édipo o foi, adotados. No final, a religião e a arte, por serem formas na busca de uma ação sobre os sujeitos, a primeira e sua parceira a ética, por ser um rito e a última pela estética são as que permitem o encontro que se *deu* ou que *faltou* no passado. Essa busca pelo que *faltou* - e sempre *faltar*á - é a busca pelo Novo. O que nos torna sujeitos é justamente essa busca pelo que não tem registro e que chamamos de Novo. Somos marinheiros...

***Basta pensar em sentir
Para sentir em pensar.
Meu coração faz sorrir
Meu coração a chorar.
Depois de parar de andar,
Depois de ficar e ir,
Hei de ser quem vai chegar
Para ser quem quer partir.***

Viver é não conseguir.

Fernando Pessoa, 14-6-1932

Chegada, partida, anseio, subida, queda, agonia e morte. Viver é não conseguir. Ícaro adolescente seguiu o pai na fuga. Antes do vôo, Dédalo determinou-lhe *não vou voar baixo demais, pois a umidade do mar tornaria*

pesadas as asas, não vou voar alto demais, pois o sol derreteria a cera que as segurava. Este é o enfoque de nossa moral tradicional: a grama verga, mas não quebra... Quanto mais alto maior a queda... Jamais querer estar acima de sua condição – o narcisismo de volta. Ícaro expressa literalmente isto. Subiu alto demais, aproximando-se do sol. Ícaro morreu por seu orgulho, por seu enlevo. O que ele queria com o Sol, pai de Pasífae?

A idéia de tornar-se pássaro, sonhar que estamos voando é clássica nos sonhos e sempre se combina com regressão máxima e o encontro da *forma*, o orgasmo. Temos de explicar o encontro disso com a repetição – a punição de Dédalo pela morte do sobrinho em que a morte de Ícaro é a punição. Ele caiu ao Norte do mar Egeu, na ponta da ilha que, desde então, leva seu nome, a ilha de Içaria. Fora habitada pelos *carianos*, povo que mais tarde emigrou para o continente asiático e se dizia descendente de um ancestral chamado *Car. Kar*, em celta designa lugar pedregoso e rochoso. Ícaro morreu justamente na terra de Car, *numa ilha cariana que, com sua morte, tornou-se Icariana!* Ele voltou! *Ele conseguiu!* E morreu de fato; ou na nossa perspectiva do novo, só morreu porque voltou. Será que esta busca incessante dos ancestrais nos adotados, em Édipo, não é uma mostra mais culpada do *Nostos*? Todos somos adotados. E só sobreviveremos se não encontrarmos o lugar de origem. *Nostos* é uma palavra muito freqüente na Odisséia de Homero, a história de Ulisses, e é uma raiz de uma palavra muito nossa conhecida, *nostalgia, volta e dor*, palavra de povos navegadores, nossa preciosa *saudade*.

O que Minos, Persífae, Dédalo, Ícaro, Teseu e Ariane nos dizem?

Os mitos e as religiões são modos de ver o mundo, relacionados e dependentes da linguagem. As entrelinhas da linguagem, suas reticências é que permitem sua existência, bem como a mentira. Só existe mentira se existe linguagem e crença, fé. Temos de ter fé para acreditarmos e, então, acreditarmos numa mentira. Vejamos Bion¹². *O pensar verdadeiro dispensa enunciado e pensador... A compulsão (não verdade, coluna 2) é o pensar em que enunciado e pensador são essenciais... Ou então, a teoria que usamos e que acabamos considerando adequada para dar conta do caso (e que deve ser evitada como memória e desejo e desejo de compreensão para se conseguir acessar O com o uso da Fé que permite a intuição¹³) é simplesmente uma memória encobridora do*

12 Bion, W. R. – *A Atenção e Interpretação*. O acesso científico à intuição em psicanálise de grupos. Rio de Janeiro, 1970, em especial na página 116.

13 Veja-se Bion, W. R. – *Aprendendo com a Experiência*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1966; Bion, W. R. – *Elementos de Psicanálise*, Zahar Editores, 1966 e Bion, W. R. – *As*

*vivido constituinte do aparelho psíquico em análise. Para existir um mito, uma religião, uma mentira é essencial a presença de um pensador (sujeito) e de um enunciado (fala). Já a verdade dispensa tanto a fala como o sujeito; ela é transcendente a eles. É o mesmo que dizer que vivemos na mentira. Mas a verdade é para ser como o horizonte; a gente vê, se orienta por ele, mas não chega nunca. Um outro modo de colocar o problema é dizer que nossa mente é mítica, e nossa vida é um espectro de mentiras que chamamos ideais, sonhos, anseios. Qualidades estéticas como o belo, o feio e o sublime, que são? Serão verdades? Platão e Aristóteles consideravam a estética como inseparável da ética e, claro, das ações humanas, a moral e a política. Johann Gottlieb Fichte considerou que as manifestações humanas, a propósito da arte e da estética, davam conta de desígnios humanos básicos, fundantes do humano. Immanuel Kant acrescentara que consta na nossa estrutura de pensamentos – é um *a priori* – a possibilidade de considerar algo como belo ou feio, ético ou não. Nietzsche considerava a arte como o filtro para a crítica da verdade e afirmação da vida. Para Heidegger, a arte é a expressão do ser e da verdade de seu desvelamento; indicador de seu encontro.*

Temos então duas verdades. Uma, a *contemplação* – plenitude de fé dos templos – a verdade propriamente dita, cujo representante maior, o horizonte, é a matemática, o pensamento em si. Provavelmente aparece aqui a questão que Freud colocou em 1915 e dividiu em duas libidos. A narcísica e a objetal. A objetal atira sua rede sobre os objetos e os decodifica com o tecido *a priori* do ego, da mente e compõe e recompõe o ego – *as categorias do cognoscível, a priori, são as mesmas da objetividade* – e daí resulta essa verdade conforme o princípio de realidade. A outra, que Freud chamara várias vezes de libido homossexual – veja-se o caso Dora, a paixão dela pela Sra. K, por exemplo – agora, em 1915, esta com o nome de libido narcísica e sua teorização será desenvolvida por Kohut. A rede jogada sobre o objeto é narcísica; o objeto é incluído no self – representação que temos de nós mesmos no ego – e funciona para nos dar colorido (auto-estima) e coesão (completude, experiência de estarmos vivos). Esta é a libido que, de fato, nos mantém humanos e que dá a experiência da idealização e contemplação. Como avaliar que é adequado, verdadeiro, dizer que *a paciente conseguiu a experiência emocional*? O problema é o mesmo que afirmar que algo é belo. O método possível é a empatia. Temos então uma busca de um estado – contemplação – e de uma teoria, de conteúdos. Um mito produz sempre o direcionamento a uma forma, a exaltação, estética e a um conteúdo. A outra verdade depende de estatutos lógicos; é o que antes chamamos de teorias.

Qual o valor e estatuto de tais juízos? Este não é um problema apenas

das disciplinas sob foco; a lingüística também tem o seu padrão ouro na *intuição do falante nativo*. Todo espectro desta temática é desenvolvida por Kant em sua última *Crítica* a partir da idéia de gênio, (criatividade individual, mas comunicável), introduzida pela impossibilidade de reduzir o objeto estético ao inteligível e à senso-percepção. A obra de arte bem como a ética tem um senso comum que lhe dá universalidade, pois são geradores de e derivados de sistemas vinculares cuja instância mais alta é o *civis*, a civilidade. Qualquer ação humana terá então de ser entendida como derivada de duas vertentes: a objetual e a narcísica. Evidente que esta gestação estética, a função criativa relacionada à busca da verdade é o mesmo Eros platônico. É indispensável que o usemos como instrumento para o exercício da empatia e também não se entende arte sem empatia. Em Bion, esta noção estética da coisa-em-si, do fato do mundo está marcada como em O enquanto o conhecimento formal do mundo está marcado como em K. O não se confunde com K. É de Kant que Bion retira os conceitos de objeto psicanalítico com três dimensões: mítica (mística), objetiva (sensível) e apaixonada (emotiva), bem como o seu argumento de que a interpretação deve dar conta da ciência, da arte e da fé.

Não é possível conhecer este aparelho que intui a ética, o belo, a estética; este aparelho criativo relacionado ao místico (mítico); só podemos nos aproximar dele. Todo o K que podemos dele necessariamente está filtrado pela representação exigida para o acesso à linguagem, pois só há conhecimento na linguagem e na sua transmissibilidade, pelas teorias pressupostas no processo cognitivo e no final os pacotes – a linguagem – que carregam a criatividade ficam mais visíveis do que os conteúdos – O: *A mente é um fardo pesado demais para a mula dos sentidos carregar* disse Bion¹⁴ e talvez devêssemos acrescentar: *A mente é um fardo pesado para morar na linguagem e na comunicação*. O não mora na linguagem; é pré-verbal.

O *pensamento* só ocorre quando a pré-concepção ao encontrar a *não coisa*, a não realização, algo que não a sature, cria condições para a existência de um aparelho capaz de pensar os pensamentos; a *concepção* se dá quando a pré-concepção se satura ao encontrar sua realização. A não verdade e a mentira precisam de pensadores para serem criadas enquanto o pensamento não necessita de pensador. Sabemos que o marcador da emergência do pensamento é a estética. Para encontrarmos a realidade última, o horizonte, a coisa-em-si, o O, necessitamos de um ato de fé (F), um movimento inconsciente e voltado para o devir, para o futuro e de modo não saturado, sem memória, sem desejo de compreensão ou não e sem futuro. Se considerarmos como Freud *a consciência ligada à linguagem* – e com Cassirer que a simbolização estrutura múltiplos níveis de consciência – *como*

14 Bion, W. R. – Uma Memória do Futuro – Sonhos. São Paulo, Martins Fontes, 1975.

o órgão sensitivo para apreender as qualidades psíquicas e capaz de tomar o inconsciente como objeto, como coisa-em-si na sua natureza mais profunda, última, infinitamente geradora, manifesta na turbulência do encontro psicanalítico, no fato absoluto da sessão, temos de admitir que ele não pode ser conhecido; só podemos perguntar por ele. Só podemos dizer dele como um ver-sentir, só podemos torná-lo visível. Será sempre como o horizonte para os nossos olhos – podemos nos orientar por ele, sabemos onde está, mas não chegaremos nele.

Bion, no *Aprendendo com a Experiência* quando se refere, a partir do modelo do bebê, à turbulência afetiva de sua relação com o seio, dividido entre a gratificação concreta do leite (K) e a psíquica, narcísica (O), empática do olhar da mãe, sustenta que *'a necessidade de amor, de compreensão e de desenvolvimento mental, não podendo, agora, ser satisfeita, desvia-se na direção da busca de comodidades materiais. Uma vez que se reforçam os desejos pelas comodidades materiais, a ânsia pelo amor permanece insatisfeita e se transforma em voracidade arrogante e desorientada'*; isto é, para Kohut, o bebê ficaria pulsionado. No dia-a-dia da psicanálise podemos imaginar a ânsia de conhecimento do psicanalista, sua avidez por teorias, o desespero para encontrar uma tábua de salvação da turbulência, da dificuldade de manter o vínculo emocional e psíquico consigo mesmo durante os encontros, do embate entre k e O. Freud chamou a atenção do analista ao recomendar a atenção flutuante, a suspensão da atenção, o sonho. Bion recomendou o *fluctuat nec mergitur* de Paris (*açoiado pela tempestade, mas não submergido*), conforme sua tradição guerreira, ao propor um trabalho no tempo presente, sem memória, sem desejo (e mesmo sem desejo de compreensão), sem sensação e interessado apenas no que acontece na sala, durante a sessão, num estado de quase-sonho (ou alucinação). A tentativa é captar o todo, a coisa-em-si, o O. A mente desabrigada de mapas, de sistemas teóricos prévios, estará operando na posição esquizo-paranóide – que é o único lugar onde ela é criativa, mas é a mesma operação que produz os idealismos e subjetivismos da história da filosofia, a metafísica afastada dos fatos, inclusive dos intuídos, os dogmatismos autoritários que descrevem e não tem fé que a realidade exista e só lhe resta criar uma realidade, que por sua parcialização melhor seria chamada de *realidade psíquica coluna 2 do Bion ou pseudo-realidade psíquica*. Ou, mais de acordo com os consumismos e modismos, a crença dos materialistas evolucionistas do *Deus ex-machina, o fantasma na máquina* retornando com descrições detalhadas da atividade nervosa superior no nível anátomo-funcional. Mal sabem que este conhecimento parcial, tomado como totalizante é um *delírio científico*. Devemos manter a fé - não há outro modo de fazê-lo que não seja com fé, libido narcísica - de que existem pensamentos sem pensador, existe uma realidade da mente do paciente que está lá aguardando um continente onde poderá emergir com

seu padrão característico.

Ernest Cassirer¹⁵ sustenta *que não podemos pensar sem imagens e tão pouco intuir sem conceitos*, a propósito da conhecida afirmação kantiana de *que conceitos sem intuições são vazios e intuições sem conceitos são cegas* – onde se vê que conceitos e intuições são pré-condições para o conhecimento – e propõe substituir *imagens* por símbolos: *o intelecto humano é ávido e só é o que é por símbolos e não há símbolos sem o outro* – não é correto dizer penso logo existo e sim penso logo existes! Mas também onde *estou sentindo, estou pensando...* Na teoria psicanalítica a existência de símbolos depende da passagem da posição esquizo-paranóide para a depressiva, da função alfa que opera sobre os elementos beta e permite as sublimações primárias como descreveu Klein; caso contrário o máximo que conseguimos são as equações simbólicas. A própria formação do ego na teoria freudiana clássica supõe a simbolização; o processo identificatório mesmo já é um processo criativo em que se percebe invariantes. O símbolo fica dentro de quem simboliza – se não posso *ter, vou ser* – mas um símbolo não tem existência real, não é parte do mundo físico, o que ele tem é significado que será dado pelo sujeito mesmo ou pelo outro. Perdida a função simbólica, só persiste o real. No dizer de Cassirer: *...Quando a função simbólica esta prejudicada, perde-se a distinção entre o real e o possível...* Sempre estamos sob ameaça de não suportar o *não ter* e perder as funções egóicas no processo conhecido como reversão da função alfa com *transformação* em *alucinose* e *projetiva*¹⁶ – equação simbólica, pensamento concreto, pulsão pura de quando começamos a construir nosso mundo, simbólico.

Se lembrarmos que toda experiência é *transitória*, que os eventos não se repetem nunca – *oportunidade perdida é oportunidade que não volta mais* – devemos nos perguntar que *invariantes*, que *constantes* nos dão nosso senso de identidade, limites e integridade do *self*. Devemos considerar que o passado não fantasmagoriza o presente, não o molda, não se repete. Tal como o sonho que tenta resolver um problema, a transferência é uma *transiência* na busca de conhecimento, de soluções e a próxima vez que aparecer perguntará diferente, num contínuo processo de devir, vir a ser, tornar-se, estar em O, correndo atrás do horizonte. Mas o novo, o valor dado à busca pelo novo, esse valor mais alto que nos empurra é anímico, animista e derivado de libido narcísica, de uma rede que inclui nosso self com o mudo. Não podemos esquecer que, ao ser punido, Dédalo construiu o Labirinto e Ícaro voou. Todo gesto criativo – assim como toda interpretação, como toda a participação do analista na sessão, para incluir *o conhecimento*

15 Veja-se Cassirer, E. – *A filosofia das formas simbólicas*. São Paulo, Martins Fontes, 2001 e Cassirer, E. – *Linguagem e Mito*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2000.

16 Bion descreve nas *Transformações* cinco tipos: por moção rígida, projetiva, em O, em K e em alucinose.

não pensado do analista - deve conter elementos abertos, não saturados, valências capazes de se realizarem em conceitos, mas também de se expandirem e se renovarem com novas realizações. Mas, sobretudo, deve desenvolver o aparelho capaz de suportar (tolerar a frustração) a *não coisa*, a não realização, o aparelho de pensar pensamentos. Devemos estar sempre na busca da coisa-em-si, do não simbolizável, do indizível, do paraíso perdido, conforme a citação de Milton, em Cassirer: Só assim nos aproximaremos do dizível da turbulência das dos encontros.

***Oceano ilimitado e sem luz,
sem limites, sem dimensão,
onde Extensão, Largura, Tamanho,
Tempo e Lugar foram perdidos.***

Toda esta história poderia ser dita através de uma antiga Oração Bizantina.

***Ó Luz Serena, que brilha no
Solo do meu ser,
Atrai-me para ti,
Tira-me das armadilhas dos sentidos,
Dos Labirintos da mente,
Liberta-me de símbolos, de palavras,
Que eu descubra
O Significado
A Palavra Não Dita
Na escuridão
Que vela o solo do meu ser.***

Há um construto na semântica das narrativas bastante simétrico que gira no entorno da Lei de Talião (olho por olho, dente por dente), e o modelo que melhor estrutura o tema inclui a estrutura das famílias e de poder entre a Lei do Avúnculo e a Lei do Pai. Também há uma tensão entre a libido livre, genital parcial – o touro – e as exigências do Grupo que regulam a formação das Famílias. Dédalo, por ciúmes de Thalo, seu sobrinho – para não perder o olhar, lugar de admiração – joga-o de um penhasco. Thalo é transformado numa ave que voa baixo. Ícaro, filho de Dédalo, igual ao pai, encantado com o sol, voa alto e também morre numa queda. O tio (avúnculo) deve investir o sobrinho, pois ele é o pagamento da

irmã dada em matrimônio, mas o narcisismo exigindo espelhamento estava todo em Dédalo e reaparece na paixão de Ícaro pelo Sol que o leva a morte. Se não somos capazes de cumprir a Lei do Avúnculo, não seremos capazes de cumprir a Lei do Pai e não teremos herdeiros.

Mas este enfoque é historicização; está centrado na compulsão a repetição. Nos intervalos disso tudo o homem pode sonhar que voa e voar mais tarde, inventou o nível, o machado e pua... A interpretação deve profetizar enquanto historiciza.

Uma segunda simetria dá-se com Minos. Minos, Radamanto e Éaco, Juizes do Inferno foram concebidos do seguinte modo. Júpiter, vendo Europa, alva e fulgurante, brincar com suas companheiras à beira mar, transforma-se num touro, aproxima-se com ar doce e carinhoso... E então a rapta. O vale onde aconteceram os encontros após o rapto é muito belo e viçoso e acredita-se que tenha sido pelos encontros mesmos, mas Europa é representada triste na sombra de um plátano. E aí estamos às voltas com os touros... O sexto trabalho de Hércules foi domar um touro que Netuno mandou para combater Minos. Domado, o animal fugiu e Hércules acabou por matá-lo. Europa era filha de Agenor, por sua vez filho de Poseidon, que mandou seus filhos Cadmus, Phoenix e Cilix procura-la e só poderiam retornar com ela. Júpiter não pagou o preço pedido ao avúnculo, pois Europa fora raptada. Os filhos desta mãe triste são Juizes do Inferno, extremamente severos e justos. A história do Minotauro, do segundo Minos é nossa conhecida.

Sobremodo interessante, é a possibilidade de subjetivações obsessivas em filhos de mães tristes, quando a libido narcísica retorna constantemente sem o espelhamento da alegria da mãe e superinveste o superego na busca de uma sobre-adaptação que permita fazê-la sorrir. Adiante segue nossa conhecida experiência de que só o amor pode mitigar o ódio. Mas, de qualquer modo, a vingança condena a repetição transgeracional. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

O oráculo de Delfos avisou Teseu que ele só conseguiria matar o Minotauro se o amor lhe servisse de guia. Agora Ariane, filha de Minos, mas o Minos do Touro mesmo, o que recusou Cila, enamorada de Teseu ajudou-o com o fio, como sabemos. Há uma clara tensão entre as filhas e os pais, num processo exogâmico. Mas agora a experiência é o enamoramento e não o rapto. Mas Teseu abandonou Ariane, que foi consolada por Dionísio. A história dos raptos passou adiante com Teseu... Que tentou raptar Helena ainda jovem... E acabou com sua mãe – Etra - raptada e feita escrava de Helena... Teseu tenta raptar a mulher de Plutão, descendo ao Inferno onde fica preso numa pedra e é representado gritando para aprenderem com o

seu exemplo, a não serem injustos, a não desprezarem os Deuses. Repete a história do inferno... E acaba no infortúnio com o fim trágico de sua esposa e filho e depois com o seu assassinato.

Endereço do autor:
jfontanari@terra.com.br